

## O BATOM (OU A FELICIDADE É VERMELHA)

Márcia Savino

Letras - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio)

— E você? Me fala de você.

Foi isso o que a Beth me disse, enchendo a taça de vinho, quando me sentei ao seu lado no sofá, já no fim da festa.

— Nós já nos apresentamos — eu disse. — Eu me apresentei pra você no início do almoço. Você tava sentada aí e eu tava ali, naquela cadeira.

— Ah, mas antes você tava de batom.

— Como é que você sabe?

Quem perguntou não fui eu, mas a Helena loura, que seguia a conversa do sofá em frente. Na sala havia, agora, quatro pessoas além de mim. Parte do grupo de convidados já tinha ido embora e a outra parte conversava na mesa da varanda, apreciando a tarde. Beth respondeu à Helena loura:

— Eu vi. Trabalho com audiovisual, como é que eu não ia ver? Quando ela chegou, ela tava com um batom vermelho, a boca toda desenhada. — e fez, com a mão, o gesto de pintar os próprios lábios.

Percebi, ali, que havia valor no tempo que fiquei em frente ao espelho delineando a boca com o pincel, antes de sair pro almoço de aniversário de uma velha e querida amiga.

— É verdade — eu disse. — E agora tô com esse batom marrom apagado.

— E essa camisa verde oliva. — disse a Beth, sem aprovar.

Tava claro que, com a maquiagem vencida seis horas depois do capricho, eu tinha perdido o colorido no rosto. E a jaqueta de brim verde oliva que coloquei por cima da camisa branca, no fim, desagradou.

A Helena loura girava a taça, atenta. Seu marido, em pé ao lado. Outro convidado sentado mais distante, lá na mesa.

— Fui ao banheiro e vi que eu tava pálida, e resolvi reforçar o batom. Mas o meu batom vermelho tá dentro de uma bolsinha, dentro da bolsa lá no quarto. O marrom tava mais fácil de pegar. Quando me olhei no espelho, achei que devia ter passado o batom vermelho. Mas, pensei: depois eu passo.

— Ela tava com batom vermelho, a boca toda desenhada. Vermelha. — repetiu a Beth para os dois homens da sala, que prestavam atenção.

Eu tinha puxado assunto com a Beth poucas horas antes. Era documentarista. Era expansiva. Agora, seus comentários vinham embalados suavemente pelo vinho. Os verdes olhos vivos da Helena loura pousavam sobre mim com interesse. Seu marido ao lado e o homem lá adiante, idem. A minha amiga aniversariante, também Helena, cruzava a sala. Pra mim, eram todos recém-conhecidos. Comecei a contar.

— Verdade. Mas o batom com que eu cheguei, não era vermelho, vermelho. Era vinho. Eu gosto de batom vinho. E esse batom é perfeito, eu adoro, a cor é viva, é macio. Mas ele já tá no final, então eu passo o batom vinho com o pincel em casa e boto o vermelho na bolsa. Hoje, antes de sair, eu fiquei horas pintando a boca com o pincel. Fui demorando e fazendo as linhas, os cantos...

Beth sacou que os homens não tinham entendido a história do pincel e me cortou:

— É quando o batom tá acabando.

— Sempre gostei de batom vinho. E esse batom, eu adoro! É o melhor batom que eu já comprei. Usei tanto, que acabou. Só que já tava tão velho, que eu não conseguia ver a marca. Ele não é só bom, ele é macio, e ele dura... A embalagem também é linda, toda dourada. Um dia, eu peguei a embalagem, fiquei olhando, olhando... Não dava pra ler a marca, a etiqueta tava gasta. Eu fui lá e fotografei o batom.

— E deu um zoom na foto pra ler!

Essa foi a Helena loura, na conversa.

— Isso. Foi isso.

— Ela tá fazendo uma crônica! — foi quase um “gritinho” da Helena loura, empolgada. Ela acertou em cheio.

— Mas eu sou cronista. — eu disse, meio surpresa com a minha fala.

Meus olhos devem ter brilhado muito nessa hora. Surreal que a fala dela me serviu pra trazer lá do fundo, de repente, e me lembrar, de repente, da minha esquecida e verdadeira alma de escriba. Continuei:

— Então, fotografei o batom, dei o zoom e consegui. Achei a marca e...

Bem, aí... Outras pessoas entraram na sala falando, se despedindo da aniversariante e a conversa ficou no ar. Eu me calei, esperando, porque outra cena se desenrolava no mesmo espaço. Durou quase dez minutos. A minha audiência estava, ao que parece, mais impaciente do que eu, que queria terminar de contar. Mal as pessoas começaram a se dispersar, a Helena loura clamou pelo final da história.

— Mas, e aí?

— É, conta! Ela tava contando... — disse a Beth.

Os quatro me aguardavam. A Beth, no sofá ao meu lado; a Helena loura, na poltrona em frente, seu marido em pé, com o copo na mão. E também o homem grandão lá, sentado na mesa, com ar de intelectual.

— Aí, eu finalmente achei a marca. Fui na internet e achei. É uma empresa de Minas.

— Ah, Minas! — isso foi um coro.

— Pois é, tantas Minas aqui hoje. Eu vim no Uber com uma motorista de Minas, me contando uma história atrás da outra com aquele sotaque totalmente familiar, minha família é de Minas. Conversei com uma convidada aqui que é de Carangola. E tem mais alguém...

— Ah, Minas! — coro de novo.

— É... Então eu fui lá ver e a marca é perfeita — eu disse, enfeitando a história. — Entrei no site e eles têm só as cores básicas, sabe, as necessárias? Nude, rosa, vermelho, vinho e marrom, sabe? Eu comprei. Adoro batom vinho. Só que quando chegou o batom, naquela embalagem linda, não era o batom vinho, que eu uso. Na hora de clicar, eu tinha comprado a cor errada. Veio o vermelho. E eu tinha implicância com o vermelho, porque “batom vermelho nessa idade”...

— Ah...

— Eu adoro batom vermelho. Não tô nem aí — A Beth, que é da minha idade. Sessenta.

— Pois é, tô aprendendo. Então, eu faço isso: eu passo o batom vinho em casa, com o pincel, e deixo o vermelho na bolsa. Aliás, acho que eu vou lá dentro passar o batom vermelho.

Ciente da minha aparência morna, deixei a sala e voltei com a boca acesa pelo batom vermelho bem passado. Como sempre faço, salpiquei o colorido também na face, usando o batom como blush e sombra. Voltei vibrante e me sentei no mesmo lugar.

— Ah, não gostei. Não gostei da história.

Era a Beth.

— Não foi bom, o clímax?! — perguntei, quase afirmando.

— Ah, você não disse a marca.

Levantei de novo, fui lá dentro, no quarto, e peguei o batom vermelho na bolsa. A Beth voou no batom, pegou, fotografou.

— Quero passar.

— Passa — eu disse.

Ela cobriu os lábios de vermelho em frente ao celular. Sorria, feliz.

— E ele não é um batom que sai fácil— elogiei.

— Ah, também quero passar — disse a Helena loura.

Que descontração traz o vinho, pena que não posso beber.

— Manda a foto pra mim, Beth — disse a loura. Eram amigas.

Beth se ocupava de fotografar a marca nítida na embalagem do meu batom vermelho novo e me estendeu o celular.

— Escreve aí na legenda: “o batom perfeito”.

Fui obrigada a digitar.

— Pronto.

A Helena loura voltou do banheiro com o meu batom na boca. A Beth já tinha passado. O marido da Helena loura...

— Pode passar nele — eu disse.

Ela o beijou, boca vermelha. A minha amiga Helena voltou, aumentou a música. Veio o Gracie, ator, bacana, dançando. Helena, aniversariante, dançando.

— Ah, vocês dançam?! — disse eu, me levantando para gingar. — Passa, Helena.

Entreguei o batom, Helena passou. Gracie olhava.

— Passa, Gracie.

Ele passou. Meu batom vermelho macio passou de mão em mão, de boca em boca, de sorriso em sorriso. Alguns de nós dançamos felizes. A alegria se expandiu pela sala e a felicidade estampou o momento de comunhão.

Lá fora, na varanda, a tarde azul caía. Dentro, naquele momento, a felicidade era vermelha.